

---

## O PSICOLOGISMO: OU O PORQUÊ NÃO SOU UM PSICOLOGISTA

Franz Brentano  
Tradução de Evandro O. Brito

### Resumo

Este pequeno texto publicado em 1911, e inédito em língua portuguesa, trata de um problema filosófico muito conhecido e amplamente citado, mas pouco analisado em seu fundamento, a saber, a atribuição do rótulo de *psicologista* ao seu autor, Franz Brentano. Nos oito parágrafos aqui traduzidos, Brentano apresenta sua resposta curta e objetiva dirigida ao pressuposto fundamental da crítica formulada por Edmund Husserl. Seu objetivo, tal como evidencia os parágrafos conclusivos deste texto, consistia em sustentar que a acusação de *psicologista* decorreu do seguinte fato: Husserl provavelmente esquecera que a evidência que fundamentava o seu conceito de verdade prescindia da existência de uma coisa real. Deste modo, Brentano sustentou que, equivocado quanto à sua definição de verdade, Husserl também se equivocou acerca da sua descrição psíquica de juízo e, portanto, estava impossibilitado de compreender a relação entre psicologia, lógica e teoria do conhecimento. Portanto, a acusação de *psicologista* seria indevida, ao menos em algumas situações analisadas no texto.

### Palavras-chave

Psicologismo; Juízo; Conhecimento; Franz Brentano; Husserl.

### Abstract

This brief paper published in 1911, and unprecedented in Portuguese, analyzes a philosophical problem widely known and widely quoted, but little analyzed on its merits, namely, the assignment of the psychologist label to its author, Franz Brentano. In eight paragraphs here translated, Brentano introduces his short and objective answer addressed to the fundamental assumption of the criticism made by Edmund Husserl. As evidence the last paragraphs of this text, your goal was to sustain that the charge of psychologist ran the following fact: Husserl probably forgotten that the evidence, found in the base of his concept of truth, waived the existence of a real thing. Thus, in consequence of Husserl's mistake about its definition of truth, Brentano considered that Husserl also was mistaken about his description of mental judgment and therefore was unable to understand the relationship between psychology, logic and theory of knowledge. Therefore, the label of psychologist would be improper, at least in some situations discussed in the text.

### Keywords

Psychologism; Judgment; Knowledge; Franz Brentano; Husserl.

---

Evandro O. Brito é doutor em filosofia pela PUC-SP e Pós-doutorando no Programa de Pós-graduação de Filosofia da UFSC. Professor do Departamento de Ciências da Religião do USJ.

BRENTANO, Franz. "Vom Psychologismus". In: *Psychologie vom empirischen Standpunkt. Zweiter Band*. Editado por KRAUS, Oskar. Hamburg / Felix Meiner Verlag, 1971, p. 179-182.

## O psicologismo: Ou o porquê não sou um psicologista<sup>1</sup>

A minha teoria do conhecimento foi acusada de psicologismo; uma palavra surgida recentemente, em função da qual alguns filósofos religiosos se benzem como se nela estivesse o próprio diabo, tal como alguns católicos ortodoxos por causa do nome Modernismo.<sup>2</sup>

Para responder a uma acusação tão séria, eu devo primeiramente questionar o que realmente se quer dizer com isso, pois se está recorrentemente com esse nome à mão, também onde se trata de coisas muito diferentes. Quando eu pedi um esclarecimento em um amigável encontro com Husserl, e oportunamente com outros que tinham na boca esse novo termo por ele introduzido, disseram-me que com isso se define uma teoria a qual contesta a validade universal do conhecimento, uma teoria segundo a qual outros seres, além dos humanos, poderiam ter conhecimentos (*Einsichten*) que se opõem diretamente ao nosso.<sup>3</sup>

Entendido neste sentido, eu não apenas não sou psicologista, mas eu sempre rejeitei enfaticamente e combati tal subjetivismo absurdo.<sup>4</sup>

Acerca disso, contudo, eu ouço em retribuição que eu ainda sou psicologista e suprimo a unidade da verdade universal, pois esta consiste apenas no fato de que o juízo verdadeiro corresponde a algo fora do espírito (*Geistes*), o qual é um e o mesmo para todo aquele que julga. No caso dos juízos negativos e nos casos daqueles que descrevem algo como possível, impossível, passado ou futuro, esse algo não poderia entretanto ser uma coisa. Como eu sustento como algo existente, ao lado das coisas, também as não coisas indeterminadas, não seres (*Nichtsein*), possibilidades, impossibilidades, seres-

---

<sup>1</sup> VOM PSYCHOLOGISMUS.

<sup>2</sup> “Man hat meiner Erkenntnislehre den Vorwurf des Psychologismus gemacht; ein neu aufgekommenes Wort, bei dem sich mancher fromme Philosoph, wie mancher orthodoxe Katholik bei dem Namen Modernismus, als stecke der Gottseibeiuns selbst darin, bekreuzigt.”

<sup>3</sup> “Um mich gegenüber einer so schweren Anklage zu verantworten, muß ich aber vor allem fragen, was denn eigentlich damit gemeint ist; denn man ist wieder und wieder mit dem Schrecknamen bei der Hand, auch wo es sich um sehr verschiedene Dinge handelt. Als ich bei einer freundschaftlichen Begegnung Husserl und dann gelegentlich auch andere, die den von ihm neu eingeführten Terminus im Munde führen, um eine Erklärung ersuchte, sagte man mir, man meine damit eine Lehre, welche die Allgemeingültigkeit der Erkenntnis bestreitet; eine Lehre, nach der andere Wesen als der Mensch Einsichten haben könnten, die den unsrigen geradezu entgegengesetzt sind.”

<sup>4</sup> “In diesem Sinne verstanden, bin ich nun nicht bloß kein Psychologist, sondern habe einen solchen absurden Subjektivismus sogar allezeit aufs entschiedenste verworfen und bekämpft.”

passados, seres-futuros e similares, eu deixei escapar aqui a unidade da verdade universal.<sup>5</sup>

Eu respondo que, mesmo se a eliminação da universalidade do conhecimento fosse consequência de tal negação, ainda não se poderia me rebaixar como psicologista, pois eu mesmo não aponto essa consequência. Poder-se-ia dizer apenas, algo como, eu apenas estabeleci frases nas quais as conclusões poderiam levar ao psicologismo.<sup>6</sup>

Nem isto também está correto, pois por que não poderia ser autoevidente, também sem a pressuposição de tais não-coisas, que dois juízos, dos quais um reconhece de certo modo o que o outro rejeita do mesmo modo, também não são ambos corretos quando duas pessoas diferentes os fazem ambos, que quando uma e a mesma pessoa os faz? Certamente, ninguém afirmará que mesmo que tais não-coisas existam, a percepção (*Wahrnehmung*) dessas não-coisas, e sua comparação com os próprios juízos, deva preceder o conhecimento da verdade ou falsidade de nossos juízos na concordância ou na não concordância de um com o outro. De modo contrário, será sempre o caso que percepções imediatamente evidentes de coisas, e negações imediatamente evidentes de relações que são dadas na nossa representação, ofereçam o suporte último para nossa avaliação crítica do pensamento de outrem, bem como do nosso próprio pensamento.<sup>7</sup>

Isto tudo para me defender da fala depreciativa, e de minha parte difícil de acreditar, que se teriam ouvido da boca de alguns dos meus próprios alunos. De modo contrário, então, e para excluir algo pior, eu deveria interpretar isso como sinal de

---

<sup>5</sup> “Doch darauf höre ich erwidern, ich sei dennoch Psychologist und hebe die Einheit der Wahrheit für alle auf; denn diese bestehe nur darum, weil dem wahren Urteil etwas außerhalb des Geistes entspreche, welches für alle Urteilenden ein und dasselbe ist. Bei den negativen Urteilen und bei denen, die etwas als möglich, unmöglich, gewesen oder zukünftig bezeichnen, könne nun aber diess Etwas kein Ding sein und somit hebe ich, indem ich neben Dingen nicht auch gewisse Undinge, wie Nichtsein, Möglichkeit, Unmöglichkeit, Gewesensein, Zukünftigsein u. dgl. als etwas, was sei, gelten lasse, hier die Einheit der Wahrheit für alle auf.”

<sup>6</sup> “Ich antworte, daß, selbst wenn in der Konsequenz jener Leugnung die Aufhebung der Allgemeingültigkeit der Erkenntnis läge, es noch immer nicht anginge, mich als Psychologisten zu verschreien, da ich selbst diese Konsequenz nicht ziehe. Man dürfte nur etwa sagen, ich stelle Sätze auf, die in ihren Folgerungen zum Psychologismus führen müßten.”

<sup>7</sup> “Doch nicht einmal dies ist richtig; denn warum sollte es nicht auch ohne Voraussetzung solcher Undinge einleuchten können, daß, zwei Urteile, von welchen das eine in einer gewissen Weise anerkennt, was das andere in derselben Weise verwirft, ebenso wenig beide richtig sind, wenn zwei verschiedene Personen die beiden Urteile fällen, als wenn eine und dieselbe Person sie fällen würde? Es wird ja doch wohl niemand behaupten, daß, wenn selbst jene Undinge beständen, die Wahrnehmung dieser Undinge und ihr Vergleich mit den eigenen Urteilen vorausgehen müßten, um uns in der Übereinstimmung oder Nichtübereinstimmung der einen mit den anderen die Wahrheit oder Falschheit unserer Urteile erst erkennen zu lassen. Immer werden vielmehr unmittelbar evidente Wahrnehmungen von Dingen und unmittelbar evidente Leugnungen von Verbindungen, in die sie in unseren Vorstellungen eingegangen, es sein, welche uns bei der Kritik, wie eigener, so fremder Gedanken den letzten Anhalt bieten.”

extrema fraqueza de memória.<sup>8</sup> [Se ainda hoje muitos que falham ao reconhecerem a natureza da evidência, confundem a validade lógica com a necessidade genética do pensamento, seja para o indivíduo, seja para a totalidade do gênero humano. Eu pelo menos, tanto em minhas preleções como em meus escritos, sempre distingi com clareza entre o sentido da necessidade natural e o sentido da correteza de um ato. Sim. Ninguém, nem antes e nem depois de mim (e Husserl não está excluído), foi capaz de se expressar clara e incisivamente sobre isso, tal como eu fui.].<sup>9</sup>

Mas, não! Existe ainda uma terceira hipótese. Sabemos como são os humanos e como seus conceitos mudam imperceptivelmente, de onde se segue que, em decorrência das equívocidades, eles não sabem exatamente o que dizem. Assim, algo humano de tal espécie pode ter ocorrido com os que me chamam de psicologista. Nesse caso, não apenas o subjetivista, mas também deveria ser acusado de psicologismo aquele que crê que a psicologia tem qualquer palavra a acrescentar na lógica e na teoria do conhecimento. Mas, quanto mais eu condeno o subjetivismo, menos eu serei levado pela sedução de ignorar essa verdade. Pelo contrário, ela está tão firmemente determinada para mim, que me deveria parecer paradoxal e até absurdo se alguém negasse que conhecimento é juízo e o juízo pertence ao domínio da psicologia. Considera-se também que, se outros seres além de nós compartilham conosco o conhecimento, aquilo que eles compartilham deve estar no domínio psíquico humano e apenas aqui é diretamente acessível para a investigação científica.<sup>10</sup>

---

<sup>8</sup> “Dies zur Abwehr eines verunglimpfenden Geredes, von dem ich kaum glauben kann, daß man es wirklich jemals aus dem Munde irgendeines meiner persönlichen Schüler vernommen habe. Müßte ich es doch sonst, um Schlimmeres auszuschließen, als Zeichen äußerster Gedächtnisschwäche deuten.”

<sup>9</sup> “[Wenn wir heute noch manchen die Eigentümlichkeit der Evidenz verkennend, die logische Gültigkeit mit der genetischen Notwendigkeit eines Gedankens, sei es für den Einzelnen, sei es für die Gesamtheit des menschlichen Geschlechtes, verwechseln sehen: so habe ich wenigstens, sowohl in meinen Vorlesungen als auch in meinen Schriften, zwischen Gesetzmäßigkeit im Sinne der natürlichen Notwendigkeit und im Sinne der Korrektheit einer Betätigung immer aufs Bestimmteste unterschieden. Ja, kein Früherer und (auch Husserl nicht ausgenommen) kein Späterer hat sich hierüber deutlicher und mit mehr Nachdruck aussprechen können, als ich es getan habe].”

<sup>10</sup> “Doch nein! Es bietet sich auch noch eine dritte Hypothese. Man kennt die Art der Menschen, und daß sich ihnen unvermerkt die Begriffe verschieben, wo sie dann infolge der entstandenen Äquivokationen selbst nicht recht wissen, was sie sagen. So mag denn einem, der mich Psychologist nennt, solches Menschliche begegnet sein. Und in der Tat, nicht bloß der Subjektivist, auch der soll des Psychologismus geziehen werden, der da glaubt, daß die Psychologie in der Erkenntnislehre und Logik irgend ein Wort mitzusprechen habe. So sehr ich aber den Subjektivismus verdamme, so wenig werde ich mich dadurch zur Verkenning dieser Wahrheit verleiten lassen. Vielmehr steht sie mir so entschieden fest, als es mir paradox, ja absurd erscheinen müßte, wenn einer leugnete, daß die Erkenntnis ein Urteil und das Urteil dem psychischen Gebiete zugehörig ist. Auch gilt darum, daß, wenn andere Wesen als wir an der Erkenntnis teilhaben, sie an solchem teilhaben müssen, was auch ins menschlich-psychische Gebiet fällt und nur hier direkt unserer Forschung zugänglich ist.”